

As pontes de Lisboa num percurso milenar

O desenvolvimento do comércio terá sido um dos principais impulsionadores para a gradual instalação de uma rede viária terrestre, em articulação com as vias fluviais e as grandes rotas marítimas que, no âmbito do Mediterrâneo, foram implementadas pelos Fenícios, Gregos e Cartagineses.

Os regulares contactos comerciais iniciados pelos primeiros, a partir do século VIII aC na procura de minérios extraídos na península Ibérica, irá, necessariamente, promover a consolidação de caminhos que permitam escoar os minérios até às zonas costeiras e, em troca, receber produtos de cariz orientalizante.

O estuário do Tejo, com as suas condições excepcionais tanto naturais, económicas como de porto seguro e de controle de um vasto território, estimula, desde logo, intensos contactos comerciais com o exterior, de que resulta o desenvolvimento promissor do povoado que virá a designar-se Olisipo (Lisboa) ainda antes do século II aC. A ocupação romana e as campanhas de pacificação dos povos indígenas vão dar uma nova função e incremento à rede viária, ou seja, uma rápida deslocação dos exércitos para um mais eficaz domínio e gestão do território. É neste contexto que, após a conquista de Olisipo, em 138 aC, pelo proconsul Décimo Júnio Bruto, este fortifica a cidade para base de apoio às suas operações militares, a norte, seguindo pela estrada para Bracara (Braga).

Com a afirmação dum comércio local e regional, estrutura-se um sistema radial de vias principais e secundárias, com a sua origem em Olisipo, promovendo a edificação de pontes. Apesar dos vários condicionaismos que ainda se apresentam ao estudo viário romano, Vasco Gil Mantas avançou com uma proposta de interpretação das vias ro-

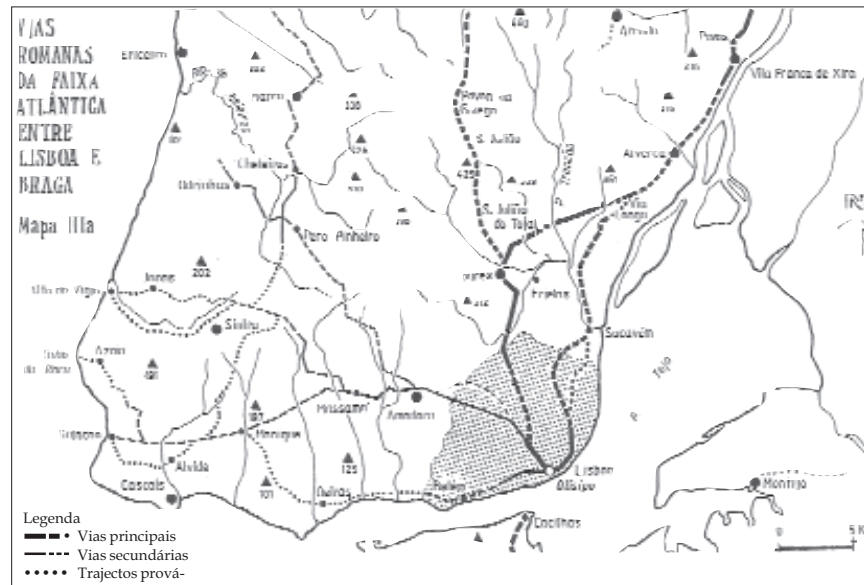


Figura 1 – Segundo Vasco Gil Mantas, 1996.

manas com origem em Olisipo, em 1996, onde se evidenciam já quatro ligações que ainda hoje são dominantes: a via marginal para Cascais; a antiga estrada de Sintra; as saídas por Loures e Sacavém. Nada, até ao momento, permite avançar que algumas das pontes de que há memória sejam de origem romana, ou que tenham sofrido reconstruções na Idade Média ou Moderna. No entanto, o posicionamento geo-estratégico de algumas delas permite-nos aceitar essa hipótese de continuidade.

A área do município de Lisboa é altamente ampliada pelo Decreto-Lei de 18 de Julho de 1885, com rectificações posteriores, passando a ter como limites a circunvalação fiscal desde Algés até Benfica e daqui até Sacavém pela estrada militar. São integradas as freguesias da periferia, com vastos territórios agrícolas, quintas, azinhagas, atravessados por várias ribeiras. Como suporte geográfico e temporal, utilizou-se o

Atlas da Carta Topográfica de Lisboa, sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858. Trata-se, provavelmente, do último levantamento onde foi registado, com rigor, vários cursos de água, no concelho de Lisboa, e que a partir de finais do século XIX desaparecem paulatinamente, com a expansão da cidade até meados do século XX, de acordo com o plano geral da cidade desenvolvido por Ressano Garcia (Fig. 1).

Nesta abordagem às pontes do território de Lisboa apenas se referencia, por limitações de espaço e de tempo, os cursos de água e suas ligações dos quais nos chegaram mais evidências ou foram mais marcantes no quotidiano da cidade.

O sistema orográfico da região de Lisboa é particularmente diverso, com as suas colinas, vales encaixados, a serra de Monsanto e o planalto. Esta realidade proporcionou uma rede hidrográfica fantástica, como se pode constatar, a título de exemplo, na Car-

ta Topographica da Linha de Defesa da Cidade de Lisboa, levantada em 1835. Nesta pode observar-se, por exemplo, no sítio de Sete Rios, topónimo em si altamente sugestivo, um afluente da ribeira de Alcântara, e que a montante, perto de Palma de Baixo, subsiste o registo de Ponte Velha, local onde hoje se percorre a Estrada da Luz. Uma das linhas de água que vai marcar para sempre

ção da dita ponte sobre o caneiro, onde igualmente figuram as Terceiras de D. Dinis e as casas das galés, numa zona exterior ao muro de defesa da Baixa.

O caneiro vai dar lugar ao cano real, no século XV, sobre o qual vai ser aberta a Rua Nova de El Rei, em 1466. Seguindo para montante a ribeira vinda de Arroios, há referências a obras de reconstrução de uma ponte no sé-

rá resultar de, no local, confluírem simples linhas de água que, a partir daí, dão expressão à ribeira. Viajando agora até à zona nascente da cidade medieval, constitui-se, entre outras, a freguesia de S. Miguel (Alfama), em 1180. Fica compreendida entre a praia, a sul, a Cerca Moura, a poente, o sítio de Alfungera (mais tarde o Salvador), a norte, e a regueira, a nascente. Actual-



Figura 2

a estrutura urbana da cidade, desde, pelo menos, o século V aC é o esteiro da Baixa. Neste confluem duas ribeiras por alturas da Praça da Figueira - Rossio, uma vinda pelo vale de Arroios e outra de S. Sebastião da Pedreira, ambas bordejadas por duas antigas vias. Até ao século XII este braço de rio delimita, em linhas gerais, a área urbana, a poente, e integra a estrutura portuária e de construção e reparação navais. No século XIV há referências à ponte da Galonha ou de Morraz para transpor o que não passa já de um simples caneiro. A ponte de madeira faz a ligação entre a Rua da Calcetaria, vinda de S. Francisco e a Rua Nova dos Ferros, por alturas do actual cruzamento da rua do Ouro com a Rua do Comércio. José de Vasconcelos e Menezes, no seu estudo sobre as Terceiras de Lisboa, deixou-nos uma reconstitui-

ção da dita ponte sobre o caneiro, onde igualmente figuram as Terceiras de D. Dinis e as casas das galés, numa zona exterior ao muro de defesa da Baixa.

Ao longo da Rua Direita dos Anjos existia, na segunda metade do século XIX, um vasto troço da ribeira a céu aberto, conhecido por Regueirão dos Anjos, onde se referenciava uma ponte dando acesso ao Beco de Maria Luísa, a partir do Campo de Santa Bárbara. O regueirão encontra-se canalizado junto à primitiva localização da Igreja dos Anjos. No âmbito das obras de abertura da Avenida D. Amélia (actual Almirante Reis), na primeira década de 900, desaparece este último vestígio.

O topónimo Arroios, imediatamente a montante dos Anjos, - cujo significado se refere a uma pequena corrente de água -, pode-

Figura 2 (à esquerda): Planta de Lisboa.

Lado direito - Figura 3 (à esquerda): - Rua da Regueira, no seu troço final, junto à Ermida dos Remédios. Figura 4 (à direita): Litografia do Aquecimento das Águas Livres no Vale de Alcântara, 1809, I. Clark, M.C.L..

mente a Rua da Regueira delimita em grande parte as actuais freguesias do bairro de Alfama, - S. Miguel e S. Estevão (Fig. 3).

A regueira viria até ao Tejo alguns metros entre o Largo do Chafariz de Dentro e a Ermida dos Remédios. No entroncamento das Ruas dos Remédios e da Regueira teria eventualmente existido uma pequena ponte integrada na via romana que grosso modo coincide com a primeira daquelas vias (Fig. 3).

A estrada teria o seu ponto de partida por alturas do Bairro da Sé, num local assinalado por um marco miliário do imperador Marco Aurélio Probo (276-282), e dirigia-se a Mérida por Santarém e Ponte de Sôr.

Por alturas de Chelas, a via romana atravessaria o vale onde corria uma ribeira, com a sua foz no início da antiga Rua Direita de Xabregas. A linha do caminho-de-ferro do

Norte transpõe a estrada e a ribeira através de dois viadutos em ferro, afortunadamente ainda preservados.

A ribeira corria um pouco a nascente do Convento de Chelas. Foi encontrado no século XVII um fragmento de um provável marco miliário (milha III) no interior da igreja. É plausível ter existido uma ponte neste traçado da via. Um pouco mais a nordeste

lação local por "caniço", ou seja, local com canas delgadas que vivem nas margens dos rios. Não deixou boas recordações, dados os cheiros intensos no Verão, por falta de caudal! Com a abertura do caminho-de-ferro de Sintra, nos anos 80 do século XIX, foi edificada uma ponte em ferro sobre a ribeira imediatamente a norte do desaparecido apeadeiro da Cruz da Pedra, em S. Domin-

tos, dando a segunda acesso à Estrada da Circunvalação (hoje Rua Maria Pia), por alturas do Arco do Carvalhão. Esta ligação seria de construção recente já que o troço de rua sobre a ponte era designado por Rua da Ponte Nova. Neste local confluía uma razoável ribeira vinda de Monsanto e que passa ainda hoje junto à Quinta da Pimenteira. Um pouco mais a juzante ficava outra pon-



Figura 3



Figura 4

corria outra linha de água, vinda do planalto, freguesia da Charneca, e contornava, a sul, Olivais Velho, já perto da foz.

De entre os cursos de água mais significativos, a poente da cidade, destaca-se a ribeira de Alcântara, já que é a melhor documentada e retratada. Nascendo a noroeste da cidade, entra no actual concelho junto às Portas de Benfica (antiga alfândega). Neste bairro ficou a memória da existência de uma ponte romana, na Estrada das Garridas, a cerca de 50 metros do chafariz erguido em 1788, na Estrada de Benfica. Ainda conheci esta ponte nos anos 60, antes da segunda fase de canalização da ribeira. Para além desta, e num percurso de 500 metros, existiam mais três pontes: na Travessa do Rio, Avenida Grão Vasco e Avenida Gomes Pereira. O sítio da ribeira era designado pela popu-

gos de Benfica. Mas é o troço final da ribeira, a partir de Campolide, tendo como pano de fundo o Aqueduto das Águas Livres, que artistas nacionais e estrangeiros nos legaram sugestivas vistas da ribeira, com suas pontes, passagem a vau bem como a vida rural que aqui se desenrolava nos séculos XVIII e XIX (Fig. 4). A ponte de dois arcos, junto a uma azenha e a outras instalações rurais, estava numa das vias que ligava Campolide a Benfica, sensivelmente no local onde hoje passa o Eixo Norte-Sul. Existiam mais duas pontes neste troço da ribeira, uma delas imediatamente a sul do aqueduto, fazendo igualmente a ligação a Benfica, pelo sopé da serra de Monsanto. Continuando a caminhada ao longo do rio ficava a ponte que fazia a ligação da Rua da Fábrica da Pólvora com a Rua dos Terramo-

te fazendo a ligação da Rua da Fábrica da Pólvora agora com o caminho da Rua das Quintas do Loureiro, seguindo um percurso tortuoso até alcançar a Circunvalação, junto ao Cemitério dos Prazeres, ou seja, através do Casal Ventoso. Estas duas pontes não figuram nos mapas da cidade até aos anos 40 do século XIX, pelo que a sua construção está associada à industrialização deste troço do vale.

Na sequência do percurso ribeirinho, que de Lisboa se dirigia a Cascais, surge naturalmente a ponte de Alcântara, acabando por dar nome ao sítio que aí cresceu. Em registos do século XVII, a ribeira bifurcava junto à foz, abraçando uma caldeira que alimentava um moinho de maré.

Com o crescimento urbanístico da zona, construção de casas religiosas, a edificação

da Tapada da Ajuda, por D. João IV, a aquisição de quintas, por D. João V, estes e outros factos contribuíram para se proceder à melhoria da circulação na ponte, com o seu alargamento, em 1743, sendo, pouco tempo depois, colocada a estátua de S. João Nepo-

pólvara, contribuindo para uma irrecuperável qualidade da água.

Com a chegada do caminho de ferro a Alcântara-Terra, em 1887, é construída uma ponte metálica sobre a ribeira, a sul do Aqueduto das Águas Livres, passando ago-

do século XX, levou a população local a designá-la por regueira, de acordo com o testemunho de uma senhora de 72 anos, nascida no local e a viver na Rua do Cruzeiro, curiosamente no troço que em meados do século XIX era designada por Calçada da Ponte Nova. A regueira é canalizada na segunda metade do século XX, dando lugar ao prolongamento da Rua D. João de Castro. A segunda ponte dá ainda hoje passagem à Calçada da Boa Hora, embora actualmente o troço da via a sudeste da ponte seja designado por Aliança Operária. A sul da segunda ponte, a rua, construída no troço do rio, designa-se por Diogo Cão, ou seja, dois prestigiados navegadores de alto mar, agora toponimicamente associados a um leito de rio seco...

De entre os vários fios de água que nascem na Serra de Monsanto, refira-se agora uma pequena ribeira que delimitava, a nascente, a Quinta do Palácio de Belém, depois de passar pelo Pátio das Vacas. Em meados do século XIX é conhecida por Regueira da Ajuda e tinha a sua foz imediatamente a nascente da Praça de Dom Fernando (hoje Afonso de Albuquerque) já em troço canalizado.

Um pouco mais a poente há registo de mais uma ribeira e que veio a delimitar, a nascente, o território do Mosteiro dos Jerónimos, vindo a herdar deste a sua última designação. Também aqui existiu o topónimo Regueira, agora associado a um beco, paralelo à linha de água.

A iconografia dos Jerónimos revela-nos uma interessante ponte de um arco, bem como um elegante chafariz, (Fig. 5).

Em meados do século XIX a ribeira ainda se apresenta a céu aberto ao longo da Rua de San Jerónimo e mais a montante, ao longo da estrada para a Portela. Na ligação das duas vias existia uma ponte que fazia a passagem para a Azinhaga de Domingos Ten-

A iconografia dos Jerónimos revela-nos uma interessante ponte de um arco bem como um elegante chafariz



Figura 5 – Mosteiro dos Jerónimos. Óleo sobre tela de Filipe Lobo, séc. XVII.

muceno, protector dos navegantes.

Esta ponte é, de facto, a mais paradigmática de todas as registadas no concelho, já que vencia um rio ainda de razoável dimensão e navegável até ao século XIX, e porque guarda algumas memórias da história da cidade. Foi junto a si que as tropas de D. António, Prior do Crato, tentaram, em vão, evitar a entrada triunfante em Lisboa das tropas de Filipe II, em 25 de Agosto de 1580. Em homenagem à figura de D. António, a antiga Rua Direita do Livramento, imediatamente a nascente da ponte, designa-se actualmente por Rua Prior do Crato. Após um longo período de história protoindustrial, com o funcionamento de várias azenhas, ao longo do século XIX, vão-se instalando indústrias, utilizando a corrente de água, como a dos curtumes, estampanaria, chitas e a fábrica da

ra sobre o mesmo "distraídos" condutores! Outra consequência imediata desta obra ferroviária foi o aterro da centenária ponte, para construção da estação e da ligação à linha do Estoril. Procedeu-se à salvaguarda da escultura de S. João Nepomuceno, em 1888, com a sua entrada no Museu do Carmo, hoje, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Dá-se, assim, início à cobertura do agora designado caneiro, de emanações pútridas, obra que será concluída nos anos quarenta do século XX, dando lugar à actual Avenida de Ceuta.


Nascendo na serra de Monsanto, o rio Seco é a única linha de água da cidade onde se pode ainda contemplar duas pontes – hoje a funcionarem como viadutos –, e reconstituir grande parte do percurso da ribeira.

O fio de água que ainda corria em meados

deiro que levava a Alcolena de Baixo, antiga aldeia, a poente da Igreja da Memória. A jusante, o troço final da ribeira já está canalizado, mantendo-se como referência até aos anos 40 do século XX o Largo do Chafariz de Belém, que peripécias dos tempos levou aquele chafariz até ao Largo do Mastro. A ribeira de Algés delimita grosso modo o concelho de Lisboa, a poente. Encontra-se coberta apenas no seu percurso final, e recebe ainda caudal de pequenas ribeiras vindas de Monsanto e de Carnaxide.

Das três pontes referenciadas ao longo desta linha de água destaca-se a que se encontrava junto à foz e onde se veio a situar o edifício da alfândega. A construção da ponte aconteceu em 1608, integrada numa campanha de melhoramentos que incluiu igualmente a construção das pontes da Cruz Quebrada e de Caxias, desempenhando estas ainda, de forma "sofrida", a sua função primitiva.

Mais uma vez o progresso trazido ao longo do século XX levou à canalização da ribeira, na zona urbana, e ao inevitável desaparecimento da ponte.

Desta rápida viagem pelas pontes do concelho, ficou evidente o papel de "fronteira" que as linhas de águas sempre oferecem, mas de simultânea doçura na oferta de água e de passagem... até que as mais frágeis não resistem a uma leitura de progresso. As memórias de regueiras, de pontes, de sonhos, estão ainda muito vivas na população local, pelo que urge fazer um trabalho sistemático de recolha, até que a idade o permita! 

Bibliografia

- *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858, Lisboa, Câmara Municipal.*
- *Atlas de Lisboa, A Cidade no Espaço e no Tempo, Lisboa, Contexto, Editora, Lda., 1993.*

- CALADO, Maria, FERREIRA, Vitor Matias, *Lisboa, freguesia de S. Miguel (Alfama), Lisboa, Guias Contexto, 1992.*

- CONSIGLIERI, Carlos e outros, *Pelas Freguesias de Lisboa, O Termo de Lisboa, Lisboa, Pelouro da Educação, Câmara Municipal de Lisboa, 1993.*

- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida, Lisboa, Quimera, 1988 e 1990, Vol. 1 e 2.*

- FIGUEIRA, Padre Francisco da Silva, *Os Primeiros Trabalhos Literários, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865.*

- MANTAS, Vasco Gil, *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica Entre Lisboa e Braga, tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Coimbra, Coimbra, 1996.*

- MENEZES, José de Vasconcellos e, "Tercenas de Lisboa - I", *Revista Municipal, n.º 16, Lisboa, Câmara Municipal, 1986.*

- RIBEIRO, Isabel, CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS Luísa, *Arqueologia Industrial do Bairro de Alcântara, Lisboa, Companhia Carris de Ferro, 1981.*

CLEMENTINO AMARO, Arqueólogo da Direcção Regional de Lisboa do IP-PAR; com a colaboração de Alexandra Antunes e Adrião

